

10ª Expo Inf. M.A.M.

Indiscutivelmente, multiplicam-se no Brasil, ainda que em proporções modestas, as iniciativas ligadas ao desenvolvimento da arte infantil. Partindo do Rio e de São Paulo, essas atividades atingiram já outros núcleos culturais e até mesmo o interior, processando-se em museus, organizações especializadas, colégios particulares e escolas experimentais do Estado. Apresentam em geral, grandes disparidades quanto a valores, técnicas e objetivos; esta falta de unidade nos impede aqui de considerar o movimento em seu conjunto.

Contudo, os cursos infantís do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, em seus dez anos de funcionamento ininterrupto, sob a eficiente orientação de Ivan Serpa e o apoio entusiasta de Niomar Moniz Sodré, fundadora do Museu, vêm servindo de paradigma destas realizações, ainda mais ou menos esparças. Através de suas exposições, dos métodos que utiliza, dos valores que defende e continuamente expressa, tais cursos atraem a atenção de grande parte dos que, sèriamente, se interessam pelo desenvolvimento da arte infantil dentro do país e no exterior. Realmente, o aperfeiçoamento constante de um método que vem de encontro às aspirações da arte, da educação, da sociedade em geral, e a coerência com que tem sido aplicado, mantém o alto nível de qualidade que destaca a experiência no Museu.

Em proporções cada vèz maiores, meninos e meninas, entre 5 e 14 anos, vêm se beneficiando do ambiente tranquilo, construtivo e repleto de vitalidade que caracteriza as "aulas" do Museu -- termo que nos parece deslocado num sistema onde não há instrução nem professor tal como tradicionalmente convencionamos. Três turmas semanais, de aproximadamente vinte crianças, trabalham durante cèrca de duas horas num clima de compreensão, alegria e seriedade.

Considerando em primeiro lugar as características individuais de cada aluno, o professor, de maneira quase imperceptível, procura centrar a atenção das crianças sòbre o que estão produzindo, estimular em cada uma a utilização total dos elementos motores, psíquicos e intelectuais que dispõem, acelerando os processos de contròle visual e organização das experiências perceptivas. Com o maior

cuidado, procura também orientar a expressão, às vezes desordenada, de emoções e eventuais conflitos, evitando que a criança se perca em seu próprio trabalho e que consiga reduzir a arte a uma espécie de "técnica de desabafos", limitando-a a uma busca de efeitos fáceis e soluções imediatas. O que consegue Ivan Serpa, em última análise, é aproximar com maior adequação a criança do seu ambiente externo, enriquecendo e diversificando suas experiências interiores, através de um método ou disciplina essencialmente artística, isto é, não imposta e criativa, capaz de desenvolver sua sensibilidade profunda e contribuir na formação de sua inteligência. O processo exige portanto, uma situação previamente estruturada, mas suficientemente flexível de modo a evitar qualquer perda de energia ou potencial construtivo que cada uma das crianças traz em si.

É necessário ressaltar ainda, que a experiência do momento se incorpora à personalidade em formação e que perdura, sob as formas mais variadas nas etapas subsequentes da adolescência e da vida adulta. A satisfação do trabalho bem feito, o conseguir cada dia um pouco mais de si mesmo, o observar e julgar com maior acuidade e coerência, são valores que a criança por si desenvolve no ambiente do curso e que tendem a ser interiorizados em caráter permanente. Naturalmente, nada disto é possível onde se procura um simples aperfeiçoamento de habilidades manuais, uma recreação desordenada ou um passivo conformismo do indivíduo às normas ditadas por um professor. Sabemos que nenhum desses é o caso dos cursos que ora analisamos, onde se procura sempre, manter um espírito de ação unificada; sabemos ainda que é na medida em que este espírito atinge também aos pais e às escolas, e seus efeitos chegam aos diferentes planos de ação da criança, que se aprofunda seu significado para a formação integral do indivíduo.

A introdução da pintura em tecidos, ao lado do desenho à lápis, do guache e do óleo, tem como objetivo, mais que a expansão do campo de escolha da criança ou a proposição de novos problemas técnicos a serem por elas resolvidos. Sem dúvida, estes dois aspectos são importantes, entretanto, o que caracteriza, o que dá à pintura em tecidos seu cunho de inovação, é o fato de vir possibilitar uma

maior integração na criança dos planos social e individual da situação. De fato, a criança, dando um sentido de utilidade a seu trabalho, fazendo-o quase um artesanato, aproxima com maior intensidade o que faz, dos outros significativos que compõem seu mundo; esses outros, por sua vez, têm a oportunidade de uma participação maior no mundo interior da criança. Trata-se pois, de uma atividade que, mantendo as qualidades das demais experiências plásticas, acentua o caráter de reciprocidade e o efeito socializante da criação infantil.

O exame dos tecidos aqui expostos e mais ainda, a observação do como foram trabalhados, nos revela alguns outros aspectos significativos. Os trabalhos foram pintados diretamente à pincel, sobre base branca ou terra de algodão ou linho, com tintas apropriadas de secagem rápida e cores quase que exclusivamente primárias. A técnica de execução resulta do esforço individual de cada criança, num processo espontâneo de contatos sucessivos com o material e os novos problemas que apresenta. O trabalho é feito em geral em grandes mesas, ora seguindo a linha vertical do tecido, quando somente a largura da mesa é usada, deixando cair a parte pronta e passando à seguinte; ora estendendo toda a metragem do tecido ao longo da mesa, movendo-se então a criança de um lado e de outro desta, em torno do tecido quase fixo. É interessante notar, qualquer que seja a técnica empregada, a rica variação de elementos que surge, sem que falte o sentido contínuo da metragem. Por outro lado, soluções como a barra, o simetrismo, e a repetição de símbolos, aparecem com frequência. Contudo, o elemento de repetição observado nos trabalhos, vai além do decorativo e está bem longe do automático. A nosso ver, o tecido oferece à criança aquela oportunidade de fazer mais uma vez uma coisa que considera boa, e testar de forma intensiva suas descobertas.

As qualidades desta atividade são acentuadas pelo fato de que, apesar da criança continuamente ver e usar tecidos, a pintura destes não está marcada pelo elemento tradicional do "certo", do "errado", do "bonitinho", não está identificada a modelos pré-estabelecidos, como ocasionalmente ocorre por exemplo, com o desenho. A necessidade de grande rapidez de execução e a impossibilidade

de qualquer correção, dificultam e enriquecem ainda mais a experiência.

Observa-se em geral, uma segura adequação dos recursos às funções as quais se destina cada uma das peças, e somente em muito poucos casos aparece a preocupação de "fechar" o desenho em espaço do tecido, qual num quadro. Quase sempre, a criança alcança com surpresa o fim, e se contenta em ter terminado.

Anna Maria Sant'Anna, Novembro de 1961.

Instituto de arte contemporânea